

Fotos: Max/Divulgação

a irmã Tula. A protagonista é interpretada pela indicada ao Oscar Emily Watson e por Jessica Barden na fase mais nova. Enquanto a irmã está por conta de Olivia Williams na fase mais velha e Emma Canning na juventude. As duas são peças cruciais para o desenvolvimento dos fatos e, consequentemente, para o futuro do universo que desemboca na jornada cinematográfica de Paul Atreides, vivido por Timothée Chalamet.

“Trabalhar dentro do universo de Duna foi incrível”, conta Emma Canning ao **Correio**. A atriz entende que essa é uma das sagas mais interessantes da atualidade por conta de um grande texto e um casting bem executado. “Foi muito bom trabalhar com um roteiro tão bem escrito, além dos grandes atores e criadores. Todo mundo era muito apaixonado pela história que estávamos contando”, pontua a atriz. “Cada cena era pensada no detalhe. Eram microdetalhes que faziam todo o sentido para o universo. Foi maravilhoso”, exalta.

Jessica Barden entende que não era fácil trabalhar com essa história. “Entendo que recebemos um desafio. É um trabalho em que sinto a expectativa de uma audiência que está louca para consumir o que você criou”, afirma a atriz, que realmente crê que o resultado que está sendo apresentado nas telas é satisfatório. “O público vai poder mergulhar mais nesse mundo com todo o trabalho que estamos fazendo”, acrescenta.

Ambas as atrizes têm um trabalho difícil. As duas atuam nos flashbacks da história e precisam construir o alicerce para as colegas darem profundidade a essas personagens. Apesar de pouco tempo, as duas tiveram contato com suas versões mais maduras e puderam assistir às cenas antes para moldar os traços das personagens. “Isso ajudou muito. Deu para eu entender o formato de Tula antes mesmo de eu trabalhar, conseguir achar meu tom”, destaca Canning. “Foi muito importante. Principalmente para conhecer a Emily Watson, eu sou fã dela antes de dividir a personagem”, brinca Barden.

Pressão do início

Barden e Canning são responsáveis por protagonizar as histórias mais antigas adaptadas do universo de *Duna*. Para um não leitor, elas são o início do universo de Frank Herbert e carregam toda honra e toda a responsabilidade de dar esse pontapé inicial à franquia. Porém, o fato não assusta a princípio. “Eu não sinto mais a pressão, eu aproveito que as pessoas estão animadas para ver o que estamos fazendo”, diz Jessica. “É uma história que significa muito para as pessoas, e eu sinto muita gratidão de fazer parte de algo que as pessoas já estão engajadas”, complementa.



Jessica Barden no papel de Valya

Canning está do outro lado da moeda. “Eu não tinha pensado nisso! Essa é a época mais antiga do universo de Duna que está sendo adaptada. Que loucura! Me sinto honrada”, comemora a artista. “Eu entendo a natureza de todo esse amor por Duna. Eu sou leitora, assisto a algumas adaptações de livros que amo e saio desapontada. Então, entendo a pressão para dar certo. Eu não consegui pensar muito sobre como essa adaptação”, reflete. Porém, a ideia também é se ver livre das amarras da pressão. “Eu tento não pensar muito para não começar a julgar demais”, explica.

O que é uma Bene Gesserit?

As Bene Gesserit são como as bruxas do universo de Duna. As personagens estão alinhadas às grandes famílias do universo com o papel principalmente relacionado a premonições para o futuro. Entretanto, por debaixo dos panos, elas estão conectadas para evitar que o futuro do

universo termine em caos, uma profecia antiga que dita o início do seriado.

Por terem esse papel ambíguo, de uma figura feita para não aparecer, mas detentoras de um poder inimaginável, as Bene Gesserit são um prato cheio para a narrativa. “A série levanta o véu e mostra algo muito expansivo que está debaixo. Uma nova perspectiva e um novo insight sobre um universo que a gente conhece e está investindo”, diz Canning. “Ver tudo de outro ângulo é muito empolgante”, completa.

A atriz leva os conhecimentos de família para entender a importância das personagens retratadas na história. “Tem uma coisa que meu pai fala para mim desde que eu sou muito pequena: ‘As pessoas mais interessantes costumam não estar no meio da festa, mas, sim, acompanhando as paredes da sala’”, conta a artista. “Nós todos conseguimos nos relacionar com o sentimento de estar de fora, de observar um grupo principal e de não ser o centro da história ou evento”, analisa. “Não podemos deixar de enxergar nada, há muita vida em um piscar de olhos”, conclui.